



**Os discursos de mulheres atingidas por barragem bordados em *Arpilleras*<sup>1</sup>:  
resistência ou silenciamento?**

Anelize Queiroz Amaral <sup>2</sup>

Paola Alves<sup>3</sup>

Isabella Cristina Galvan Dias<sup>4</sup>

**Resumo:** Este artigo é um encaminhamento após a finalização de uma pesquisa mais ampla de doutorado, tem como objetivo analisar aspectos da dimensão política da Educação Ambiental presentes nos discursos de mulheres de um município atingido pela barragem da Usina Hidrelétrica de Itaipu Binacional. Além de explorar significados e mobilizar possíveis sentidos passíveis de serem construídos referentes à temática ambiental, tais discursos foram bordados em *Arpilleras* por mulheres trabalhadoras rurais que fazem parte do Coletivo Educador de Educação Ambiental de um município no oeste do estado do Paraná, e que também participam do Movimento a Marcha das Margaridas na busca de conquistas para as mulheres. Mas, afinal, que discurso vem sendo veiculado numa região que foi amplamente impactada pela construção de uma grande barragem? Para responder essa questão, a presente pesquisa está alicerçada na abordagem de pesquisa qualitativa, estudo de caso, e sua perspectiva teórico-metodológica está embasada na análise do discurso proposta por Bakhtin e o Círculo.

**Palavras-chave:** Dimensão política. Temática ambiental. Discurso.

**The discourses of women affected by barrages embroidered in *Arpilleras*: resistance  
or silencing?**

**Abstract:** This article is a routing after the finalization of a doctoral research, whose objective is to analyze aspects of the political dimension of Environmental Education present in the discourses of women from a municipality affected by the dam of the Itaipu Binacional Hydroelectric Power

<sup>1</sup> O bordado de *Arpillera* foi usado por mulheres, no Chile, para denunciar violações e driblar a censura. No Brasil, a técnica foi ensinada em oficinas realizadas pelo Movimento dos Atingidos por Barragens - MAB. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2017/08/21/arpilleras-documentario-registra-luta-e-empoderamento-de-mulheres-atraves-do-bordado/>. Acesso 12/10/17 as 10h33.

<sup>2</sup> Doutora em Educação – Unesp de Rio Claro. Docente Adjunta no Curso de Ciências Biológicas da UTFPR – Campus de Dois Vizinhos. Fundação Araucária. E-mail: [anelizeamaral@utfpr.edu.br](mailto:anelizeamaral@utfpr.edu.br)

<sup>3</sup> Graduanda do curso de Ciências Biológicas na Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, Campus Dois Vizinhos. Instituição de vínculo. E-mail: [alvesapaola@gmail.com](mailto:alvesapaola@gmail.com)

<sup>4</sup> Graduanda do curso de Ciências Biológicas na Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, Campus Dois Vizinhos. E-mail: [soueuaisabella@gmail.com](mailto:soueuaisabella@gmail.com)

Plant. Beyond to exploring meanings and mobilizing possible constructible meanings related to the environmental theme, these discourses were embroidered in Arpilleras by rural female workers who are part of the Environmental Education Educator Collective of the municipality - PR, and also participate in the “ Movimiento a Marcha das Margaridas” in search of achievements for women. But, after all, what discourse has been relayed in a region that has been greatly impacted by the construction of a large dam? To answer this question, the present research is based on the qualitative research approach, case study, and its theoretical-methodological perspective is based on the discourse analysis proposed by Bakhtin and the Círculo.

**Keywords:** Political dimension. Thematic environmental. Speech.

## **Los discursos de mujeres golpeadas por represas bordados en Arpilleras: resistencia o silenciamiento?**

**Resumen:** Este artículo es un encaminamiento después de la finalización de una investigación más amplia de doctorado, tiene como objetivo analizar aspectos de la dimensión política de la Educación Ambiental presentes en los discursos de mujeres de un municipio afectado por la represa de la Usina Hidroeléctrica de Itaipú Binacional. Además de explorar significados y movilizar posibles sentidos posibles de ser construidos referentes a la temática ambiental, tales discursos fueron bordados en Arpilleras por mujeres trabajadoras rurales que forman parte del Colectivo Educador de Educación Ambiental del municipio - PR, y que también participan del Movimiento a Marcha de las Margaritas en busca de conquistas para las mujeres. Pero, al final, ¿qué discurso viene siendo vehiculado en una región que fue ampliamente impactada por la construcción de una gran represa? Para responder a esta cuestión, la presente investigación está fundamentada en el enfoque de investigación cualitativa, estudio de caso, y su perspectiva teórico-metodológica está basada en el análisis del discurso propuesto por Bakhtin y el Círculo.

**Palabras clave:** Dimensión política. Temática ambiental. Discurso.

### **1. Introdução**

Observa-se, no decorrer dos anos, que os problemas ocasionados *ao/no* ambiente provocaram uma crise ambiental<sup>5</sup>, que se manifesta por meio de uma ruptura entre sociedade-natureza. Crise, está, eivada de desigualdade na distribuição de custos e benefícios, alteração antrópica dos ciclos biológicos, perda da biodiversidade, poluição do ar e da água, infertilidade do solo, acúmulo de resíduos, entre outros aspectos que apontam, de fato, para uma situação crítica que, de acordo com Leff (2001, 2009, 2010) se instaura no âmbito de uma *crise civilizatória e/ou do conhecimento*.

---

<sup>5</sup> Em parte do discurso em torno da problemática ambiental podemos observar a associação que alguns autores fazem com a ideia de crise ambiental, na tentativa de explicá-la. Nesse sentido, é válido pensar que existem diferentes tendências e enfoques sobre a crise ambiental, que passam por visões ecológicas, mas, também, economicistas e ideológicas (VALENTIM, 2016, p.16).

O reconhecimento desse quadro como sendo de crise e a maior visibilidade das diferentes situações de degradação ambiental começaram a tornar-se de domínio público nas décadas de 1960 e 1970, período marcado pela ditadura militar, no Brasil, e a efervescente manifestação da sociedade em vários países.

Conforme explana Carvalho (2000), nos anos que se seguem às décadas de 1960 e 1970, é possível perceber a penetração de diversos questionamentos relacionados à questão ambiental nos setores mais diversos da sociedade contemporânea. A emergência do ambientalismo, que se une às lutas pela liberdade democrática, manifesta-se por meio de ações de organizações da sociedade, como, por exemplo, as manifestações contrárias à construção da grande barragem da Usina Hidroelétrica da Itaipu Binacional, *locus* dessa pesquisa.

Para McCully (2001), os projetos de grandes barragens podem representar tudo, menos um projeto que conduz ao progresso e ao desenvolvimento. Projetos como esses deixaram marcas irreparáveis, e essa realidade não se constitui apenas como uma experiência brasileira, pois, em outros lugares do mundo, experiências similares se acumulam, o que evidencia a necessidade de questionarmos esse modelo de relação sociedade-natureza.

Ao elencarmos as construções de barragens e os consequentes movimentos de resistência, é importante mencionar as Arpilleras:

[...] o bordado de Arpillera foi usado por mulheres durante a ditadura de Augusto Pinochet, no Chile, para denunciar violações e driblar a censura. No Brasil, a técnica foi ensinada em oficinas realizadas pelo Movimento dos Atingidos por Barragens - MAB. Em regiões onde hidrelétricas e mineradoras são instaladas, aumentando a violência doméstica, a prostituição e os estupros. Assim, surge esse projeto como uma ferramenta para denunciar, por meio da arte, as diversas violações sofridas pelas mulheres (ODARA, 2017, s/p)<sup>6</sup>.

Segundo Sousa Santos (2004), essas frentes de resistência contra a construção de barragens constituem movimentos que podem ser caracterizados como uma luta pela vinculação entre o local, o nacional e o global e revelam uma identidade de resistência construída por cidadãos que se posicionam para garantir os seus direitos. Para Silva (2007, p. 192):

O significado político desse embate não pode ser reduzido ao esforço dessas populações de permanecerem na terra ou mesmo obterem indenizações ou reassentamentos. A resistência das comunidades

---

<sup>6</sup> Disponível em <https://www.brasilefato.com.br/2017/08/21/arpilleras-documentario-registra-luta-e-empoderamento-de-mulheres-atraves-do-bordado/>. Acesso 12/10/17 às 10h33.

atingidas contém elementos de defesa de um modo de vida e de uma relação econômico-cultural com o espaço ambiental, sustentado pela manutenção de valores e relações sociais. Essas comunidades, quando lutam contra o processo de construção de barragens, certamente não se referem a uma obra de engenharia ou ao desenvolvimento tecnológico, mas antes, questionam o processo social e econômico, cuja lógica condena estas populações a serem subjugadas pelo *desenvolvimento*.

Para McCully (2001), as grandes barragens são muito mais do que máquinas que geram energia e armazenam grande quantidade de água em seus reservatórios. São, na verdade, obras de concreto, rocha e terra que expressam a ideologia dominante na era tecnológica, disfarçadas de ícones do desenvolvimento econômico e do progresso científico.

No caso dessa pesquisa, tal obra de engenharia por um longo tempo vista como um orgulho da engenharia nacional, inundou um território de 1350 km<sup>2</sup>, sendo 780 km<sup>2</sup> em terras brasileiras e 570 km<sup>2</sup> em território paraguaio (MAZZAROLLO, 1980).

O reservatório formado, de acordo com Viezzer (2007), encobriu propriedades agrícolas, as quais foram desapropriadas compulsoriamente. A maior parte das famílias se dirigiu para áreas urbanas dos distritos e municípios que compõem a região, outra parte foi em busca de novas terras dentro do próprio Estado e, outras ainda, adquiriram terras mais baratas no Paraguai, Rondônia, Acre e Mato Grosso.

Diversos foram os impactos socioeconômicos, chegando até mesmo a extinguir distritos por completo, como é o caso de Alvorada do Iguaçu e Itacorá. Além disso, destacamos a peculiaridade ocorrida no município de Foz do Iguaçu, que teve seu índice populacional elevado de 35 mil para 140 mil habitantes, quando as atividades do canteiro de obras e da barragem se iniciaram. Esse incremento populacional implicou, posteriormente, na concentração de favelas nas periferias após a conclusão das obras, culminando na marginalização (GERMANI, 2003).

Atentando para todos esses efeitos mencionados, de ordem social, ambiental, econômica, ética e cultural, que contemplam, perfeitamente, a lógica implacável do capitalismo, evidenciamos que a exploração humana impulsionou a conquista de riquezas que se concentrariam nas mãos de poucos.

A construção da usina causou diversos impactos na dinâmica socioambiental da região, como modificação no *habitat* e perda de várias espécies da flora e fauna, processo de migração forçada, mudança no perfil da população, desmantelamento de culturas e ressignificação cultural. Além disso, os moradores de Guaíra tiveram uma perda inestimável, as Sete Quedas, que desapareceram por completo após a formação do

reservatório (AMARAL, 2018). Assim, parece-nos pertinente a seguinte indagação: nas propostas de Educação Ambiental que estão sendo desenvolvidas pelo grupo pesquisado, até que ponto nos discursos veiculados, a preocupação em avivar a memória em relação aos impactos e conflitos socioambientais gerados durante a construção da Usina tem estado presente?

Nesse período supracitado, a região impactada por Itaipu foi palco de muitos conflitos e injustiças socioambientais, motivados pela construção de uma hidrelétrica que, além dos objetivos de geração de energia para garantir o “desenvolvimento” do país, possibilitou aos governos do Paraguai e Brasil por um fim aos conflitos fronteiriços que visavam à soberania econômica, envolvendo Paraguai, Brasil e Argentina em uma disputa pelo poder (AMARAL, 2018).

Há que se questionar, sempre, em empreendimentos econômicos, quem está realmente sendo beneficiado e quais as consequências humanas que são, muitas vezes, desconsideradas e/ou “esquecidas”. O atual modelo econômico deixa de lado o ser humano para se ater ao progresso financeiro e, com isso:

As injustiças e os conflitos ambientais emergem a partir das disputas entre os interesses distintos das comunidades tradicionais, organizações e movimentos sociais, contra agentes sociais (grupos empresariais e o próprio Estado) favorecidos pelas atividades econômicas e produtivas, tais como: mineração, exploração e refino de petróleo, produção de ferro e aço, construção de hidrelétricas o agronegócio e o uso intensivo de agroquímicos (ALVES; DOS SANTOS, 2017).

É importante ressaltar que a questão ambiental não pode ser analisada alheia à miséria econômica, à desigualdade humana, à exclusão social, justamente por não haver equidade na distribuição de riscos quanto na distribuição de riquezas. Existem perspectivas, no entanto, que analisam a Educação Ambiental apenas sob o ponto de vista físico, químico e biológico.

Para melhor compreensão, observamos que o movimento ambiental começou a se organizar a partir da década de 60, movido, primeiramente, para fins conservacionistas e, conforme critica Brugger (1994), se atendo apenas à questões técnicas e naturais, prezando pela preservação da natureza em si e desconsiderando os âmbitos sociais e políticos inerentes à questão ambiental. Essa é uma visão ingênua e superficial. Os problemas ocasionados no/ao ambiente não são autônomos, mas problemas que, tanto na origem quanto nos resultados, são sociais. (BECK, 2011).

Segundo Layrargues e Lima (2014), uma das macro-tendências político-pedagógica da Educação Ambiental é a perspectiva crítica, que traz em sua problematização a questão humana, questionando o modelo econômico e o acúmulo de capital no atual modelo de relação sociedade-natureza, o que demonstra a necessidade de formação política do sujeito. De acordo com Amaral (2018), as práticas de Educação Ambiental devem ser voltadas para a formação de sujeitos políticos “a partir de uma perspectiva concretizada pela *práxis* humana, por meio de diversos indicadores como participação, liberdade, autonomia, emancipação, democracia, cidadania, entre outros”.

Sem uma abordagem política, pode-se pensar que a desigualdade social está fora da equação dos riscos ambientais. No entanto, o que se observa é que a atual crise é mais intensamente sentida por quem é economicamente desfavorecido e isso está interligado a uma série de injustiças socioambientais cometidas por agentes do atual modelo econômico. Vejamos:

A crise ambiental contemporânea e a atual conjuntura econômica globalizada de desigualdade em nosso país vêm intensificando as discussões e a percepção pública para além da problemática da escassez de recursos naturais, analisando os efeitos das políticas de desenvolvimento das sociedades modernas sobre grupos sociais e ecossistemas, relacionando, assim, questões ambientais e sociais (CASTILLO, 2012).

Justamente por haver desigualdade na distribuição dos riscos ambientais, é que a justiça ambiental surge como instrumento para que nenhuma classe seja atingida de forma desequilibrada com a crise ambiental (ANGELI, 2017). O movimento por justiça ambiental iniciou-se nos Estados Unidos na forma de diversos protestos de minorias populares ocorridos nas décadas de 60 e 70, quando começou-se a percepção de que a população pobre e negra era a principal atingida pelos problemas ambientais (HERCULANO, 2001).

Com o desenvolvimento econômico e busca incessante por lucro, cria-se uma polaridade socialmente injusta, em que pessoas marginalizadas pelo sistema capitalista sofrem as maiores consequências com tamanha exploração. Quando se analisa apenas questões naturais e técnicas, ignora-se os crimes ambientais que, segundo Angeli (2017), muitas vezes são retratados como meros acidentes.

De acordo com Amaral (2018), as consequências da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu Binacional foram diversas para a Argentina. No que diz respeito ao Brasil e Paraguai, as consequências advindas da construção de uma hidrelétrica gigantesca vão muito além do que se observa nos discursos veiculados atualmente, que, de

certa maneira, refletem os discursos construídos e compartilhados à época da ditadura militar, discursos relacionados ao “desenvolvimento”. Além disso, conforme a autora:

Para além dos discursos de uma obra que foi construída sem seus devidos estudos, planejamentos e participação da sociedade na tomada de decisões, destacamos que a construção de Itaipu provocou o extermínio de Setes Quedas, sítios arqueológicos e diversas espécies da fauna e flora, alagamento de áreas agricultáveis, desmantelamento de culturas, aumento populacional que, após a construção da barragem, gerou marginalização, favelização e prostituição (AMARAL, p. 258, 2018).

Nesse momento da pesquisa, questionamos o quanto desse contexto e os diversos impactos e injustiças socioambientais estão, realmente, sendo considerados nos discursos construídos e compartilhados pelos atores sociais desse território.

Para tanto, no decorrer da pesquisa que estava sendo realizada solicitamos para que um grupo de mulheres trabalhadoras rurais desse território e que fazem parte de movimentos de resistência bordassem suas histórias em Arpilleras. Histórias que nessa pesquisa se caracterizaram como discursos passíveis de serem analisados conforme descrito no percurso da investigação a seguir.

## **2. Percurso da investigação**

Considerando as questões de pesquisa e os objetivos que orientam nossa investigação, entendemos que a perspectiva da abordagem qualitativa de pesquisa, estudo de caso, é a que mais atende aos nossos interesses. Para subsidiar teoricamente essa abordagem buscamos apoio em autores como Denzin e Lincoln (2006), Gibbs (2009), Devechi e Trevisan (2010), entre outros. Tal perspectiva, conforme propõem Denzin e Lincoln (2006, p. 23):

Implica uma ênfase sobre os processos e os significados que não são examinados ou medidos experimentalmente (se é que são medidos de alguma forma) em termos de quantidade, volume, intensidade ou frequência. Os pesquisadores qualitativos ressaltam a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 23).

Assim, tal abordagem pode oportunizar a ampliação da análise dos dados, colocando-os em relação com o contexto (histórico, social, cultural, econômico e ambiental) para compreender uma questão em estudo que não se apresente como uma

interpretação imediatista e superficial da realidade sem levar em consideração suas relações (GIBBS, 2009).

A tarefa é, portanto, vivenciar, pela interpretação, os significados possíveis estabelecidos e, no diálogo com o contexto, mobilizar possíveis sentidos passíveis de serem construídos em um processo dialógico com o contexto. Assim, entendemos ser preciso abordar um caminho teórico-metodológico que garanta a legitimidade desse processo.

A perspectiva teórico-metodológica, escolhida para nortear esta investigação, nos coloca em sintonia com os trabalhos de Mikhail Mikhailovitch Bakhtin e o Círculo.

Em seus trabalhos, Bakhtin (2009; 2011; 2015) e Volóchinov (2017) discutem diversos aspectos relacionados com a investigação em Ciências Humanas, que envolvem compreensão e não explicação pontual de dados empíricos, diálogo e não monólogo, interpretação dos significados e a mobilização de sentidos.

Para Bakhtin, “a investigação se torna interrogação e conversa, isto é, diálogo. Nós não perguntamos à natureza e ela não nos responde. Colocamos as perguntas para nós mesmos [...]” em um movimento dialógico, relacionando-as com o contexto (BAKHTIN, 2011, p.319).

A questão da linguagem não dissociada da interação social e histórica é uma proposição de Bakhtin e o Círculo. Para os autores desse grupo, o emprego da língua, efetua-se em forma de enunciados concretos e únicos.

Nesse sentido, a língua passa a integrar a vida por meio dos enunciados que são compostos por palavras. Para Volóchinov (2017, p. 140), “toda palavra tem intenções e significados, constituindo-se em um pequeno palco em que ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em embate”. De acordo com Brait (2014, p. 204), a “palavra é indissociável do discurso; palavra é discurso. Mas, palavra também é história, é ideologia, é luta social, já que ela é a síntese de práticas discursivas historicamente construídas”.

Assim, uma palavra pode ter um significado e diversos sentidos que dependem do contexto em que está inserida (VIANNA, 2010). Aliás, segundo Bakhtin e o Círculo, o próprio sentido é dependente do contexto social e momento histórico em que é construído/assimilado e pode, portanto, transformar-se.

Nesse sentido, o discurso alheio pode ser foco gerador de refração discursiva, que se encontra na tomada do discurso alheio como objeto de contestação (polêmica aberta

e/ou velada); ou refletido, que se apresenta como forma de elogio, proposição e/ou solicitação (BAKHTIN, 2015; VELOSO, 2011, 2013).

Diante do exposto, a nossa proposta é a de que a análise do discurso expresso nos bordados de mulheres trabalhadoras rurais de um território impactado por uma grande barragem, oriente o processo de sistematização e exploração dos dados empíricos aos quais tivemos acesso no processo da investigação, situando-os no seu contexto que deve ser compreendido como um lugar contraditório, que reflete e/ou refrata posições.

Dessa maneira, buscamos, nos discursos empreendidos, compreender significados e mobilizar possíveis sentidos passíveis de serem construídos que, em determinado momento, também podem se evidenciar no decorrer das análises, como discursos refletidos e/ou refratados.

Para a realização desta pesquisa, optamos por utilizar procedimentos que nos possibilitassem explorar o caráter discursivo dos dados apresentados. Para tanto, percorremos os seguintes caminhos: a) escolha do grupo para a construção das Arpilleras; b) aquisição dos exemplares contendo seus discursos por meio de bordados; c) análise para a identificação de indicadores recorrentes; d) significação dos indicadores; e) seleção de partes das Arpilleras que apresentavam, indicadores que se referem à dimensão política da Educação Ambiental e/ou relevância para o contexto dessa pesquisa; e) oficinas de formação acerca da Educação Ambiental em uma perspectiva crítica e diálogos sobre o contexto dessa região com o grupo de mulheres, sujeitos da pesquisa.

Destacamos que, em todo esse processo, o esforço foi, sempre, na busca de uma relação dialógica com os discursos materializados por meio dos bordados e o contexto, procurando caminhar no sentido de compreensão dos significados e mobilização de possíveis sentidos passíveis de serem construídos.

### **3. Resultados e discussões**

Nas etapas iniciais de leituras recorrentes do *corpus documental* selecionado para análise nesta pesquisa, procuramos identificar nos discursos aspectos que permitem a aproximação com possíveis compreensões de significados e a mobilização de possíveis sentidos passíveis de serem construídos sobre a dimensão política da Educação Ambiental e a Temática Ambiental presente nesse território.

Antes, queremos ressaltar o que é a produção de Arpilleras e a importância desse trabalho para os processos de resistência. De acordo com Bacic (2012, p. 06),

A Arpillera é uma técnica têxtil que possui raízes numa antiga tradição popular iniciada por um grupo de bordadeiras de Isla Negra, localizada no litoral central chileno. A conhecida folclorista Violeta Parra ajudou a difundir este trabalho artesanal.

No entanto, cabe aqui mencionar que existe uma diferença fundamental entre as Arpilleras mencionadas por Bacic (2012) e as que foram confeccionadas para essa pesquisa. No caso, as Arpilleras confeccionadas para essa pesquisa se diferenciam no material utilizado para sua construção que são a base de ráfia reutilizada da produção rural e retalhos doados por indústrias de confecção do município. Além claro, de todo um contexto histórico, ideológico, cultural, econômico e ambiental que diferenciam essas duas realidades.

Assim, as Arpilleras se constituem sem dúvida uma fonte de inspiração aos processos de resistência. Bacic (2012, p. 7) menciona que tal técnica foi utilizada,

Como forma de registrar a vida cotidiana das comunidades e de afirmar sua identidade, as oficinas de Arpilleras não somente representaram a expressão dessa realidade como também se transformaram em fonte de sobrevivência em tempos adversos. Muitas Arpilleras fazem referência aos valores consolidados da comunidade e aos problemas políticos e sociais que esta enfrenta. Tornaram-se uma forma de comunicar ao mundo exterior, no país e fora dele, o que estava acontecendo, e ao mesmo tempo, uma forma de atividade cooperativa e fonte de renda. Graças às Arpilleras, muitas mulheres chilenas puderam denunciar e enfrentar a ditadura desde fins de 1973. As Arpilleras mostravam o que realmente estava acontecendo nas suas vidas, constituindo expressões da tenacidade e da força com que elas levavam adiante a luta pela verdade e pela justiça. Além disso, cada uma destas obras pôde quebrar o código de silêncio imposto pela situação então vivida no país. Hoje, são testemunho vivo e presente, e uma contribuição à memória histórica do Chile.

A questão, que nos é plausível e necessária ser colocada, pode ser assim formulada: existem nas Arpilleras construídas nessa pesquisa o avivar de memórias que se referem aos diversos impactos ocasionados no/ao ambiente pela construção da barragem da Usina? Nelas estão expressas lutas de uma época de resistência? Quais aspectos transpostos por esses bordados apontam indicadores de uma dimensão política da Educação Ambiental?

Sendo assim, deixemos agora que falem as Arpilleras (figura 1 e 2) construídas por mulheres trabalhadoras rurais participantes do Coletivo Educador e do Movimento Marcha das Margaridas de um município no oeste do estado do Paraná.

**Figura 1 e 2:** Discursos bordados em Arpilleras construídas por mulheres trabalhadoras rurais vinculadas ao Coletivo Educador e o Movimento Marcha das Margaridas.



Observa-se nas Arpilleras apresentadas, certa harmonia no que diz respeito as cores e ações cotidianas nelas bordadas. Ou seja, existe nesses bordados um discurso de harmonia nas relações vivenciadas por essas mulheres e que de certa forma refletem o discurso à época da ditadura militar e que vêm sendo veiculado pelos processos formativos de Educação Ambiental desenvolvidos nessa região, discursos que silenciam os diversos impactos e injustiças socioambientais que existem nesse contexto.

Acredita-se que tais discursos não foram sendo (re) avivados nesses processos formativos, o que promove ao longo dos tempos o desvanecimento ou silenciamento de impactos e injustiças socioambientais que marcaram esse território. O que evidencia a importância de processos educativos de Educação Ambiental em uma perspectiva crítica que questione as intencionalidades de propostas que muitas vezes mascaram fatos ocasionados em um contexto que podem promover na sociedade à resistência ao atual modelo de relação sociedade-natureza que poderiam contribuir para a formação de um sujeito político que compreende as relações entre sociedade-natureza e, assim, possa se posicionar na tomada de decisões de forma crítica.

Conforme Amaral (2018, p. 264):

Avivar memórias, ou até mesmo apresentar aos participantes desse processo tudo que foi feito em nome do “desenvolvimento”, configura uma forma de promover o pensar e o agir com criticidade. Essa é uma das condições para que esses cidadãos reconheçam as marcas características desse atual modelo de relação sociedade-natureza que, muitas vezes, apresenta-se de forma mascarada. (Re) avivar memórias pode contribuir para identificar as mazelas e incoerências de um modelo desenvolvimentista que não questiona o extermínio de Sete Quedas, de culturas milenares, terras agricultáveis, quebra de laços identitários, extermínio de sítios arqueológicos, espécies da fauna e flora e diversos impactos sociais na vida de muitos seres humanos e que não podem ser

esquecidos nos processos de formação e construção de uma Educação Ambiental como Ação Política, na qual a crítica ao atual modelo de relação sociedade-natureza capitalista deve estar presente.

Assim, passamos a analisar partes isoladas das Arpilleras construídas na tentativa de identificar indicadores de uma dimensão política da Educação Ambiental e aspectos relacionados a Temática Ambiental. Vejamos a figura 3 a seguir:

**Figura 3:** Indicador da dimensão política da Educação Ambiental expresso na Arpillera por meio da participação das mulheres.



A figura 3, apresenta em seu discurso o indicador de “participação” que aponta para a dimensão política da Educação Ambiental.

Como nos afirma Demo (1993, p.82), a participação “não é dada, é criada. Não é dádiva, é reivindicação. Não é concessão, é sobrevivência”. Assim, fica claro que participar confere poder para o cidadão, o qual possibilita a parceria, delegação de poder e o controle por parte do cidadão.

Tal condição demonstra o empoderamento e a apropriação das mulheres desse território para a articulação das ações de Educação Ambiental e enfrentamento ao atual modelo de relação sociedade-natureza.

Assim, acreditamos ser necessário, na continuidade dessas análises empreendidas, a realização de oficinas formativas para discutir e promover reflexões sobre uma possível crise em processo de formação política que se instaura na sociedade. Crise, esta, reforçada por esse atual modelo de relação sociedade-natureza que não possibilita aos sujeitos pensarem e agirem politicamente, o que pode ser evidenciado no silenciamento dos diversos impactos e injustiças socioambientais ocorridas nesse território. Afinal, de que forma participamos e nos posicionamos nas propostas que dizem respeito ao nosso bem comum?

Assim, queremos compreender com maior profundidade o que está sendo veiculado como participação e os sentidos que são atribuídos a esse indicador da dimensão política por esse grupo, uma vez que o coletivo e a participação das mulheres foi um discurso de destaque na Arpillera construída.

No que diz respeito às questões relacionadas a Temática Ambiental, identificamos discursos que se referem ao modo de vida no campo, a permanência das mulheres nos trabalhos no campo, agricultura familiar e pesca artesanal (Figuras 4, 5 e 6).

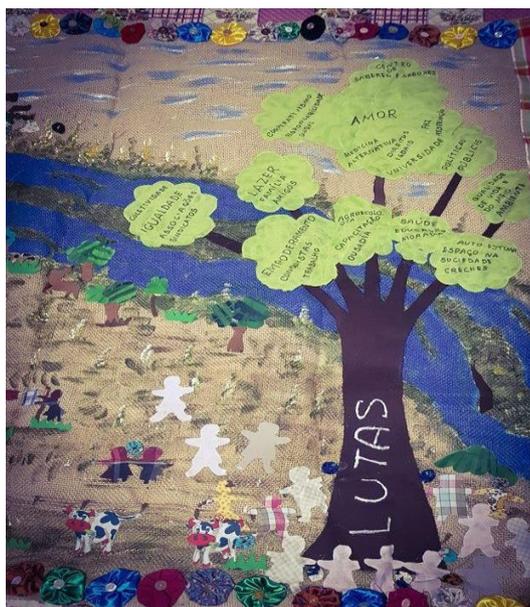
**Figura 4, 5 e 6:** Discursos relacionados à Temática Ambiental expresso nas Arpilleras.



O que nos chama atenção é que os discursos aqui bordados não mencionam a diminuição de peixes no rio, a expropriação de agricultores e aldeias indígenas, extermínio de espécies da fauna e flora ocasionados pela construção da barragem, o uso intenso de agrotóxicos nas produções agrícolas e as constantes queimadas que ocorrem nesse território, especificamente na área do Parque Nacional. Tais bordados nos transmitem fragmentos das vidas das mulheres trabalhadoras rurais e sonhos de um grupo social que deseja manter formas de vida mais sustentáveis do que discursos de resistência.

Contudo, uma imagem traz bordada o discurso de lutas expressas em valores como solidariedade, verdade e justiça (Figura 7).

**Figura 7:** Discursos de resistência política nos bordados da Arpillera.



Percorrendo os discursos nos bordados da figura 7, observamos que lutas diárias são travadas por essas mulheres na busca de condições de vida mais justas, que se evidenciam por meio de indicadores da dimensão de valores éticos/estéticos, como: cooperativismo, solidariedade, amor, paz, responsabilidade, igualdade, entre outros. Ao mesmo tempo que expressam indicadores de uma dimensão política, como: direitos, participação, associações, políticas públicas, empoderamento, entre outros.

Por fim, acreditamos que o fortalecimento de ações como essa apresentada nesse trabalho, podem promover a resistência ao atual modelo de relação sociedade-natureza, incluindo sujeitos da sociedade, efetivamente engajados e que se posicionem como sujeitos políticos na construção de proposta de Educação Ambiental que possam ganhar força e fazer parte das memórias do seu lugar. Esse nos parece sem dúvida, um caminho possível de construir uma Educação Ambiental que nos possibilite percorrer memórias, esperando que, suas luzes e sombras, nos ensinem e nos façam refletir sobre os caminhos que estamos percorrendo e que ainda podemos trilhar juntos em prol de um bem comum.

### Referências

ALVES, S. G; DOS SANTOS, S.L. Injustiças e Conflitos Socioambientais: o que são e como surgem? **Revista gestão e sustentabilidade ambiental**, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 216 - 226, jul./set. 2017.

ANGELI, T. **A justiça ambiental nas pesquisas em Educação Ambiental: uma análise a partir de teses e dissertações brasileiras**. 111 folhas. Dissertação (Mestrado em

Educação) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, Rio Claro, 2017.

AMARAL, A. Q. **Educação Ambiental e a Dimensão Política:** um Estudo de Caso do Programa de Formação de Educadores Ambientais da Usina Hidroelétrica Itaipu Binacional. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, Rio Claro, 2018.

BACIC, R. História das arpilleras. IN: ABRÃO, P. Arpilleras da resistência política chilena. Brasília, 2012.

BAKHTIN, M. M. (VOLOCHINOV, V. N.) **Marxismo e filosofia da linguagem.** Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 11 ed. Trad. Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 2009 [1929].

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal.** 6 ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M.M. **Problemas da poética de Dostoievski.** 4 ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

BECK, U. **Sociedade de Risco:** rumo a uma outra modernidade. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

BRAIT, B. **Bakhtin:** conceitos-chave. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

BRÜGGER, P. **Educação ou adestramento ambiental?** Florianópolis: Letras Contemporâneas. 1994.

CARVALHO, L.M. Educação Ambiental e a Formação de Professores. In: OFICINA PANORAMA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO BRASIL, 2000, Brasília. **Panorama da Educação Ambiental no Ensino Fundamental.** Brasília: Ministério da Educação, 2000. v. 1, p. 55-64.

CASTILLO, A; G. de. Enfoque Sociológico dos Conflitos Socioambientais e o Movimento por Justiça Ambiental. **Caos - Revista Eletrônica de Ciências Sociais/UFPB.** n. 21. p. 44-58. 2012.

DEMO, P. **Participação é conquista:** noções de política social participativa. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1993.

DENZIN, N.K; LINCOLN, Y.S. **O planejamento da pesquisa qualitativa:** teorias e abordagem. Tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DEVECHI, C.P.V; TREVISAN, A.L. Sobre a proximidade do senso comum das pesquisas qualitativas em educação: positividade ou simples decadência?. **Revista Brasileira de Educação,** v. 15 n. 43, p.148-201, jan./abr. 2010.

GERMANI, G.I. **Expropriados Terra e água: o conflito de Itaipu.** Salvador/Canoas: EDUFBA/ ULBRA, 2003.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Tradução Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

HERCULANO, S. Justiça Ambiental: de Love Canal à Cidade dos Meninos, em uma Perspectiva Comparada. **Justiça e Sociedade**: temas e perspectivas. Marcelo Pereira de Mello (org.). São Paulo: LTr, 2001, pp. 215 - 238.

LAYRARGUES P. P.; LIMA, G. F. D. C. As Macrotendências Político-pedagógicas da Educação Ambiental Brasileira. **Ambiente & Sociedade**. São Paulo v. XVII, n. 1. p. 23-40. jan.-mar. 2014.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2001.

LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2009.

LEFF, E. **Discursos sustentáveis**. São Paulo: Cortez, 2010.

MAZZAROLLO, J. **A Taipa da injustiça**: esbanjamento econômico, drama social e holocausto ecológico em Itaipu. 2 ed. Revista e ampliada. São Paulo: Edições Loyola e Comissão Pastoral da Terra do Paraná, 1980.

MCCULLY, P. **Ríos Silenciados: Ecología y Política de las Grandes Represas**.: Proterge, 2001.

VALENTIN, L. **A formação continuada de professores em Educação ambiental na produção acadêmica (dissertações e teses)**. 162 folhas. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Rio Claro, 2016.

VELOSO, S. R. A. Polêmicas discursivas: refrações da palavra do outro na arena do Roda Viva. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n.5, p. 20-33, 1º sem. 2011.

VELOSO, S. R. A. A Responsividade do leitor no gênero “Carta do Leitor” na mídia impressa de referência: análise de polêmicas discursivas na perspectiva bakhtiniana. **Filol. linguíst. port.**, São Paulo, v.15, n.2, p. 565-594, jan./jun. 2013.

VIANNA, A.N. Núcleos de significação: uma proposta revisitada pelo olhar bakhtiniano. In: FREITAS, M. T. de A.; RAMOS, B. S. (Orgs). **Fazer pesquisa na abordagem histórico-cultural: metodologias em construção**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010.

VIEZZER, M. (Org). **Círculos de aprendizagem para a Sustentabilidade**: caminhada do coletivo educador da Bacia do Paraná 3 e entorno do Parque Nacional do Iguaçu 2005-2007. Foz do Iguaçu: Itaipu Binacional/Ministério do Meio Ambiente, 2007.

VOLÓCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

*Submetido em: 23-09-2018.*

*Publicado em: 26-11-2018.*